

COSTUMES E CARACTERES NA "ÉTICA" DE PEDRO ABELARDO *

*Marcio Chaves-Tannús***

ABSTRACT: Frente à impossibilidade de transpor, com um único vocábulo, ambos os significados da palavra latina "mores", os tradutores da "Ética" que consultei optaram todos por uma solução que, embora adequada à manutenção da coerência interna formal do texto e condizente com uma antiga tradição filosófica, é insuficiente para a exata reprodução do conteúdo original.

Um leitor atento que se disponha a analisar detidamente o texto da "Ética" de Abelardo, usando o original latino ou uma edição bilíngüe, deparar-se-á com o primeiro problema importante de interpretação ao ler a primeira palavra da primeira frase da referida obra: a palavra latina "mores" e suas eventuais traduções.

Os tradutores que pude consultar concordam que "mores" deva ser traduzida, em cada uma de suas respectivas línguas, por um equivalente semântico do português "costumes"¹. Tal ocorre, mesmo se a frase assim traduzida possa parecer-nos um tanto estranha². Pois, embora possamos afirmar dos vícios que eles se manifestam sob a forma de costumes, isso não nos autoriza a postular uma identidade entre o vício que se manifesta e o ato repetido da manifestação que caracteriza o costume. Também não é usual, ou correto, dizer das virtudes que elas são costumes. É possível afirmar dos vícios, como das virtudes, que eles podem advir dos costumes, assim como podem gerá-los. Em ambos os casos, porém, somos induzidos a admitir a existência de uma diferença entre esses e aqueles.

* Comunicação apresentada no IIº Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das Universidades Federais de Minas Gerais, Uberlândia, 23 a 27 de Maio de 1995.

** Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

1. As traduções da "Ética" que consultei estão listadas na bibliografia no final desta comunicação.
2. "Chamamos 'costumes' os vícios ou virtudes do espírito que nos tomam propensos a más ou boas obras".

ERNOUT et MEILLET (85 : pp. 415-6) fornecem, entre outros, os seguintes significados para “mos, moris” : (i) - “*Manière de se comporter, façon d’agir physique ou morale, déterminée non par la loi, mais par l’usage. Designe aussi souvent la coutume...*”. Informação que confirma e reforça a escolha dos tradutores, levando-nos a suspeitar da presença da estranheza já na frase latina. A seguir, porém, os mesmos autores acrescentam: (ii) - “*S’emploie également dans le sens de ‘caractère’, et dans ce cas souvent au pluriel mores ‘les moeurs’...*”. Acréscimo importante, pois constrange-nos a considerar a possibilidade de a frase de Abelardo postular a existência em nosso espírito de caracteres que, inclinando-nos para o bem ou para o mal, influenciam nosso comportamento, deixando sua marca impressa em nossos costumes. Caracteres que poderiam, em última instância, deter uma precedência cronológica e ontológica relativamente a nossos hábitos.³

No latim, portanto, “mores” tanto pode significar “costumes” como “caracteres” e é bastante provável que esses dois componentes semânticos da palavra estivessem muito próximos um do outro na Idade Média. Nessa época, a diferença entre caracteres e costumes é diluída pela tendência generalizada a conceber os costumes como algo semelhante aos fenômenos naturais.⁴

A impossibilidade de reproduzir o conjunto das nuances de significado da palavra “mores” impôs aos tradutores uma escolha. A segunda frase do texto de Abelardo reforça e revela com toda clareza o caráter problemático da

3. É interessante observar que não há incompatibilidade lógica, ou seja: não há contradição necessária entre a admissão, por um lado, de uma anterioridade de princípio de natureza ontológica e cronológica dos caracteres relativamente aos hábitos e a aceitação, por outro lado, de uma eventual produção posterior de caracteres a partir de hábitos.

Uma resposta positiva, embora indireta, à questão de se saber se Abelardo de fato postula a existência de caracteres anteriores a todo hábito e reflexão nos é dada pela seguinte passagem de Verbeke: “...dans l’optique d’Abélard l’agir humain ne surgit pas tellement d’initiatives conscientes et délibérées dont l’homme serait pleinement l’auteur. Il se réalise à la suite de certaines aspirations intérieures, p. ex. des poussées sensuelles, dont l’individu n’est pas vraiment responsable; il en subit le poids sans savoir toujours d’où elles viennent... aux yeux d’Abélard toutes ces tendances sont une sorte de matière brute, une donnée de fait, qui est très importante pour le comportement...”(87:p. 92).

4. Cf.: MATORÉ (85): pp. 190-1.

solução adotada.⁵ Nessa frase, debilidade e vigor físicos, os equivalentes corporais dos vícios e virtudes do espírito, são denominados respectivamente “vício” e “bem” e, portanto, “costumes”, se seguirmos a proposta dos tradutores citados. Tal interpretação não concorda, porém, com o sentido atual da palavra “costumes”.

Uma pergunta, contudo, permanece. Por que, apesar de problemática, preferiram os tradutores a solução por eles adotada? Além de razões de ordem prática, ditadas sobretudo pela necessidade de manutenção da coerência interna formal do texto, suponho que tenham sido influenciados por uma tradição cujo peso suas próprias traduções e autoridade só fizeram aumentar. Embora saibam e repitam que Abelardo foi original e renovou, há indícios fortes de que lêem e traduzem a primeira frase da “Ética” como se essa fosse um eco exato e medieval da obra de Aristóteles.

Vejamos, para tanto, o que um dos tradutores escreve sobre as concepções aristotélicas de hábito e virtude, bem como sua presença na obra de Abelardo: “*For example, at the beginning of the second book of his Scito te ipsum he [Abelard] underlined what Boethius had found in Aristotle’s Categories concerning virtue as habit. According to Aristotle, habit is more than a simple disposition of character; it is a quality acquired by effort and perseverance and anchored in one’s being, producing a mark in the soul which is difficult to efface. Virtue is like this.*” No mesmo parágrafo, um pouco à frente, sem levar em conta a possibilidade de uma concordância apenas parcial, o autor atribui a Abelardo a posição anteriormente apresentada como sendo de Aristóteles: “*In this appreciation of virtue as habit of mind, as a natural quality acquired by human effort Abelard and his school stood out from contemporary theologians.*” (LUSCOMBE (74): p. 71). Ora, enquanto para Aristóteles, segundo o que nos diz Luscombe, nossos hábitos precedem e dão origem aos caracteres, para Abelardo o mais provável é que a precedência seja, em última instância, dos caracteres e esses tanto podem dar origem como posteriormente ser oriundos de nossos hábitos.

Os trechos de Luscombe que citei são interessantes por nos permitirem vislumbrar o que pode ter estado subjacente a uma decisão que, no contexto

5. “Há, porém, vícios ou bens não apenas do espírito, mas também do corpo, como a debilidade física ou a robustez que chamamos vigor; a lentidão ou a velocidade, o mancar ou o andar reto, a cegueira ou a visão.”

das duas primeiras frases da “Ética” de Abelardo, embora talvez necessária, permanece insatisfatória e problemática.

No que diz respeito à interpretação das concepções aristotélicas de hábito e virtude no primeiro dos trechos citados, ela é, até onde posso julgá-lo, compartilhada pela recepção crítica da obra de Aristóteles.⁶ Mesmo, porém, admitindo que possa ser inexata, o que conta para meus fins é a possibilidade de ela ter influenciado a solução sugerida pelos tradutores. Nessas condições, testar sua correção me conduziria inevitavelmente para além dos objetivos e necessidades desta comunicação.

BIBLIOGRAFIA

1 - TRADUÇÕES DA “ÉTICA”

ABAILARD, P. (76) - Abailard's Ethics, Richwood, New York, 1976. (By J.R. McCallum).

ABELARDO, P. (90) - Conócete a tí mismo, Tecnos, Madrid, 1990. (Ed. por P.R. Santidrián).

ABELARDO, P. (76) - Conosci te stesso o etica, La Nuova Italia, Firenze, 1976. (A cura di M. Dal Pra).

ABAEARD, P. (82) - Die Entdeckung der Intention. In: FLASCH, K. (Hrsg.) - Mittelalter. Band 2. In: BUBNER, R. (Hrsg.) - Geschichte der Philosophie in Text und Darstellung, Reclam, Stuttgart, 1982, S. 270-9.

ABELARD, P. (71) - Ethics, Oxford University Press, 1971. (By D.E. Luscombe).

6. Cf.: VERBEKE (87): p. 96 e RACIONERO, Q. in: ARISTÓTELES (90): nota 169, pp. 374-5.

2- LITERATURA SECUNDÁRIA

ARISTÓTELES (90) - Retórica, Gredos, Madrid, 1990. (Ed. por Q. Racionero).

LUSCOMBE, D.E. (74) - The 'Ethics' of Abelard: Some Further Considerations. In: BUYTAERT, E.M. (ed.) - Peter Abelard. Proceedings of the International Conference, Louvain May 10-12, 1971, Leuven University Press-Martinus Nijhoff, Leuven-The Hague, 1974, pp. 65-84.

VERBEKE, G. (87) - Éthique et connaissance de soi chez Abélard. In: BECKMANN, J.P.; HONNEFELDER, L.; SCHRIMPF, G.; WIELAND, G. (Hrsg.) - Philosophie im Mittelalter. Entwicklungslinien und Paradigmen, Felix Meiner, Hamburg, 1987, S. 81-101.

3 - OBRAS DE CONSULTA

ERNOUT, A.; MEILLET, A. (85) - Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots, Klincksieck, Paris, 1985.

MATORÉ, G. (85) - Le vocabulaire et la société médiévale, P.U.F., Paris, 1985.